

A constituição do campo do Desenho Urbano no Brasil a partir dos Seminários de Desenho Urbano (1984-1991)

The constitution of the field of Urban Design in Brazil through the Urban Design Seminars (1984-1991)

La constitución del Diseño Urbano en Brasil a partir de los Seminarios de Diseño Urbano (1984-1991)

Carolina Pescatori*

Universidade de Brasília; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Brasília (DF), Brasil.
pescatori@unb.br

Dinalva Derenzo Roldan

Universidade Estadual de Campinas; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Departamento de História.
Campinas (SP), Brasil.

Maria Cristina da Silva Leme

Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e de Design; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.
São Paulo (SP), Brasil.

Renato Leão Rego

Universidade Estadual de Maringá; Departamento de Arquitetura e Urbanismo; Programa Associado de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UEM-UEL.
Maringá (PR), Brasil.

* Autora correspondente.

CRedit

Contribuição de autoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição: PESCATORI, C.; ROLDAN, D. D.; LEME, M. C. S.; LEÃO REGO, R.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Aprovação de ética: Os autores certificam que não houve necessidade de aprovação de Comitê de Ética.

Uso de I.A.: Os autores certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do trabalho.

Editores responsáveis: Daniel Sant’Ana (Editor-Chefe); Elane Ribeiro Peixoto (Editora Associada); Ana Elisabete Medeiros (Editora Associada); Leandro Cruz (Editor Associado); Sarah Vencio (Assistente editorial).

Resumo

Interessado na constituição do desenho urbano no Brasil, este artigo problematiza conceitos, referências, precedentes, repercussão e contribuições fundamentais para o entendimento da disciplina no âmbito nacional a partir dos Seminários de Desenho Urbano (SEDUR), organizados por professores da Universidade de Brasília (UnB) e realizados na capital federal em 1984, 1986, 1988 e 1991. Tomando como objeto de estudo os anais dos seminários realizados (lembrando que a edição de 1988 não publicou os trabalhos apresentados), este artigo trata de compreender como o Desenho Urbano constituiu um campo específico no Brasil. Para tanto, apresenta o contexto da realização do SEDUR, explora os trabalhos publicados nos anais dos seminários e a trajetória dos seus autores, e discute a sua contribuição.

Palavras-chave: Desenho Urbano; SEDUR; cidades novas; favelas; conjuntos habitacionais.

Abstract

This article explores the constitution of urban design in Brazil, by problematizing its key concepts, references, precedents, repercussions, and contributions, which are essential to understanding the discipline within the national context. This task is undertaken by focusing on the Urban Design Seminars (SEDUR), organized by professors from the University of Brasília and held in the Brazilian capital in 1984, 1986, 1988 and 1991. Taking the proceedings of the seminars as its object of study (while noting that the 1988 edition did not publish the presented papers), this article seeks to understand how urban design constituted a specific field in Brazil. To this end, it presents the context in which the SEDURs took place, analyzes the papers published in the proceedings of the seminars and the trajectory of their authors, and discusses their contribution.

Keywords: Urban design; SEDUR; new towns; *favelas*; housing complexes.

Resumen

Interesado en la constitución del diseño urbano en Brasil, este artículo problematiza conceptos, referencias, precedentes, repercusiones y contribuciones, fundamentales para la comprensión de la disciplina a nivel nacional a partir de los Seminarios de Diseño Urbano (SEDUR), organizados por profesores de la Universidad de Brasília. y realizados en la capital en 1984, 1986, 1988 y 1991. Tomando como objeto de estudio los anales de los seminarios realizados (recordando que en la edición de 1988 no se publicaron los trabajos presentados), este artículo busca comprender cómo el diseño urbano constituyó un espacio específico campo en Brasil. Para ello, presenta el contexto de la SEDUR, explora los trabajos publicados en los anales del seminario y la trayectoria de sus autores, y discute su aporte.

Palabras clave: Diseño urbano; SEDUR; ciudades nuevas; *favelas*; conjuntos habitacionales.

1 Introdução

No início dos anos 1980, um grupo de professores da Universidade de Brasília (UnB) organizou uma série de quatro encontros que, em grande medida, institucionalizou o Desenho Urbano no Brasil. Os Seminários de Desenho Urbano (SEDUR) aconteceram sempre na capital federal, nos anos de 1984, 1986, 1988 e 1991. Deles participaram docentes, pesquisadores e técnicos de todo o país. Estes seminários não só estabeleceram um fórum para discutir o campo do conhecimento em formação no país como também registraram novas práticas para se pensar e intervir na cidade.

Um aspecto peculiar e recorrente nas edições do Seminário é que, apesar da sua clara condição de seminário acadêmico, os eventos incluíram convidados técnicos de prefeituras, secretarias de estado e do Governo Federal, que apresentaram resultados da prática profissional vinculada à administração pública e a de escritórios de arquitetura e engenharia, assim como de pesquisa acadêmica aplicada.

A análise dos SEDURs foi realizada tendo seus anais como principais fontes primárias, complementados por entrevistas com os organizadores dos eventos¹ e análises dos principais textos citados nos artigos apresentados nos seminários. A metodologia incluiu uma análise sistematizada dos anais, contendo todos os artigos, seus autores, sua formação acadêmica e filiação institucional, além da bibliografia utilizada nos textos. Essa análise permitiu compreender os principais temas, as implicações da origem institucional e da formação dos autores, a importância de algumas referências bibliográficas, além das transformações e mudanças do escopo e abrangência temática do SEDUR ao longo do tempo. Na ausência dos anais do III SEDUR, que não foram organizados e publicados, realizamos pesquisas nas revistas de arquitetura do período, onde encontramos notas e resumos sobre o seminário, além de entrevistas com os palestrantes, e nos currículos lattes de participantes, procurando preencher minimamente essa importante lacuna.

Essa análise permitiu compreender os SEDURs enquanto espaço de debates e lócus da construção do campo do Desenho Urbano no Brasil, revelando aspectos importantes sobre a sua consolidação e difusão e sobre sua complexificação ao longo da década de 1980, questões que ainda não foram analisadas pela historiografia brasileira, seja no âmbito do seu efeito na história do urbanismo quanto na do planejamento urbano.

2 O panorama internacional, os SEDURs e o Desenho Urbano no Brasil

O termo *urban design* foi difundido ao público em geral por Josep Lluís Sert nos Estados Unidos no final dos anos 1950, dando nome a um novo curso de pós-graduação na Harvard Graduate School of Design no começo da década seguinte. Para Sert, então diretor da Harvard GSD, o Desenho Urbano, como nova disciplina, seria capaz de eliminar a separação entre planejamento e projeto (*design*), oferecendo uma base comum para o trabalho do arquiteto, do arquiteto paisagista e do planejador urbano; seria mais que o escopo destes três profissionais, e lidaria com a forma física da cidade (Avermaete; Gosseye, 2021, p. 10), em uma escala intermediária entre o edifício e a cidade (Sert, 2015).

¹ Entrevistamos Benamy Turkienicz, organizador do I e II SEDURs, em 15 de fevereiro de 2022 e Frederico de Holanda, organizador do III e IV SEDURs, em 15 de junho de 2022.

As crescentes diferenças internas expressas por diferentes grupos atuantes nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna no pós-guerra e o contexto urbano norte-americano com a renovação do ensino de arquitetura em Boston, Filadélfia e Nova York, para onde migraram muitos dos arquitetos europeus, certamente contribuíram para aquela proposta pedagógica (Mumford, 2009). A constituição do Desenho Urbano nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália foi “parte de uma profunda renovação das práticas e do discurso arquitetônico relacionado à cidade, que surgiram mundo afora como uma reação à crescente autonomia da esfera do planejamento” (Orillard, 2014, p. 209, tradução nossa). Entretanto, em visão retrospectiva, a constituição do Desenho Urbano não deixa de representar a retomada de uma tradição de pensamento e intervenção na forma física da cidade que remonta a propostas de meados do século XIX como as de Ildefons Cerdá (1815-1976) para a expansão de Barcelona e sua conceituação de *urbanización*; aos debates de modernização de Viena com propostas de Camillo Sitte (1843-1903) com a introdução do conceito de *Städtebau* recuperando as qualidades morfológicas das cidades históricas europeias e ainda as relações intrincadas entre construções, monumentos e espaços públicos (cf. Porfyriou, 2020; Avermaete; Gosseye, 2021).

Com efeito, na Europa dos anos 1960, em meio à crise da arquitetura e do urbanismo modernos, uma “virada morfológica” caracterizou a mudança de escala e de foco do planejamento para uma outra abordagem urbanística. A obra “L’Architettura della Città” de Aldo Rossi (1966), que enfatizou a análise da forma urbana existente como resultante das ações na cidade ao longo do tempo e incutidas de memórias coletivas, em conjunto com as análises tipomorfológicas de Saverio Muratori e ainda o trabalho de Carlo Aymonino contribuíram para pavimentar essa metodologia de estudos. Essa nova abordagem ocupou um terreno abandonado, uma escala intermediária entre as preocupações globais do planejador economista e a arquitetura do edifício como objeto (Hebbert, 2006, p. 238; 241).

Manuel Solà-Morales (2013, p. VI), no prefácio ao livro “Formes urbaines: de l’îlot à la barre”, publicado originalmente em 1977, observou a ruptura definitiva entre os estudos morfológicos expostos no livro e a orientação funcionalista. Tendo como referência os estudos das Escolas de Veneza, Milão, Gênova, Bruxelas e também os do Laboratório de Urbanismo de Barcelona, os arquitetos Philippe Panerai, Jean Castex e Jean-Charles Depaule difundem uma forma de ver a cidade que estabelece ligações sólidas entre a forma da cidade e a arquitetura. A apreciação da construção arquitetônica da cidade, a ordenação do parcelamento, as constantes tipológicas da configuração urbana e o interesse nelas como elementos de composição do agregado urbano total passaram a oferecer outras bases para uma ideia de urbanismo radicalmente alternativo. Solà-Morales também notou que o planejamento havia desviado:

[...] o tratamento de todo e qualquer projeto do espaço, direcionado a uma dimensão abstrata e imprecisa onde a pretensão de síntese era frequentemente traduzida de maneira simplista com canetas coloridas e grandes gestos, executados mais com o braço do que com a mão, mais sobre os quadros de reuniões municipais do que sobre mesas de desenho profissionais. (Solà-Morales, 2013, p. VI).

Raramente traduzido para outros idiomas, o termo Desenho Urbano não correspondeu, fora da esfera anglófona, a um campo – profissional ou educacional. Apesar de ter permanecido como um campo indefinido por décadas, essa situação mudou

recentemente, com a publicação de antologias na Austrália, Reino Unido e Estados Unidos (Orillard, 2014).

Analisando três gêneros de discurso do Desenho Urbano – o da academia, o da política pública e o da crítica – e seus domínios de ação, Orillard concluiu que o Reino Unido assumiu uma posição mais central na constituição do Desenho Urbano enquanto os Estados Unidos se mostraram mais isolados, apesar de terem sido o lugar do aparecimento da expressão e deste campo. Os currículos de Desenho Urbano surgiram nos Estados Unidos em meados dos anos 1950 e 1960, no Reino Unido em meados de 1960 e 1970 e na Austrália, no final dos anos 1980. Nesse sentido, merece destaque a fundação, em 1972, do Joint Centre for Urban Design na Politécnica de Oxford – hoje Oxford Brookes University – por um grupo de acadêmicos, que se tornou referência na área. Políticas públicas voltadas ao Desenho Urbano também surgiram primeiro nos Estados Unidos, mas se tornaram proeminentes no Reino Unido e na Austrália a partir dos anos 1980.

No campo da crítica, a campanha *Townscape*, desenvolvida a partir de 1948 pela revista britânica *The Architectural Review*, da qual Gordon Cullen era editor de arte, repercutiu internacionalmente, criticando a evolução do planejamento como responsável pela deterioração da paisagem urbana. Esse material fez parte da bibliografia de um seminário de Kevin Lynch no Massachusetts Institute of Technology (MIT), em 1949, intitulado “A forma visual das cidades”; anos depois, “The image of the city” (1960) se tornou obra seminal do Desenho Urbano dos dois lados do Atlântico (Orillard, 2014).

O desdobramento dessas iniciativas internacionais no Brasil pode ser observado e compreendido a partir da organização, estrutura, temas e referências das quatro edições dos SEDURs. Os Seminários aconteceram em um período de mudanças políticas (mais particularmente, a queda do muro de Berlim e o fim da URSS, o fim da ditadura e o início da abertura política no Brasil e no Peru, na Bolívia, na Argentina e no Chile). Para compreender a relevância do SEDUR na constituição do Desenho Urbano no Brasil é importante considerar três aspectos: o contexto da redemocratização do país e a emergência dos movimentos sociais; a crítica ao movimento moderno e ao ideário racionalista/funcionalista; e a crítica ao planejamento urbano considerado tecnocrático e centralizador – sendo que estes dois últimos aspectos fizeram parte das discussões do próprio seminário. O violento período da ditadura civil militar (1964-1985) impôs um grande vácuo de eventos acadêmicos no Brasil, e não foi diferente para a área de arquitetura e do urbanismo, que então contava com pouquíssimos programas de pós-graduação². A redemocratização do país possibilitou uma ampliação da liberdade de produção crítica e de proposição de atividades coletivas nas universidades e o SEDUR foi realizado em meio à efervescência política e cultural.

Observa-se a ressonância dessa conjuntura política, especialmente, no IV SEDUR. Ele se diferencia dos anteriores ao promover reflexão sobre os processos urbanos mais recentes e as formas políticas de enfrentamento da grave situação urbana do país. Temas como segregação urbana, formação das periferias e movimentos sociais urbanos constituíram

² Listamos aqui os principais programas de pós-graduação em temas afins aos SEDURs e suas datas de criação: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 1962; CEDEPLAR-UFMG, 1968; Instituto em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1971 (ainda com o nome de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional dentro da COPPE); Mestrado em Arquitetura na EESC USP, 1971; Pós-graduação FAU-USP, 1972; Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 1973; Mestrado em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, 1974.

a nova pauta para os estudos urbanos e regionais e as políticas públicas urbanas formuladas por grupos de pesquisa das instituições de ensino superior do país.

A realização do primeiro Seminário de Desenho Urbano em Brasília, em 1984, certamente marca a institucionalização desse campo no Brasil, embora algumas ações tenham antecipado as primeiras iniciativas de Desenho Urbano no país – entre elas, o trabalho pioneiro de urbanização de favelas do Rio de Janeiro pelo arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos, do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM); os estudos no exterior, especialmente no Reino Unido, de vários pesquisadores brasileiros; e a publicação “Desenho Urbano” (Del Rio; Cauli, 1982) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O curso de mestrado do COPPE (o Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia da UFRJ) então oferecia uma disciplina chamada Desenho Urbano I.

A leitura dos anais dos seminários publicados proporciona uma percepção sobre os diferentes percursos teóricos, conceituais e empíricos desse campo em formação. É possível traçar os princípios de um quadro de referências teóricas ancorado nas experiências práticas que os trabalhos apresentam. Ao passo em que todos os SEDURs tiveram como tônica uma forte crítica ao movimento moderno, há significativas diferenças temáticas, metodológicas e teóricas nestes trabalhos e nas diferentes edições do Seminário, apontando para o amadurecimento do campo ao longo do tempo. Essa diversidade é particularmente notável no IV SEDUR, último da série, que conta com trabalhos específicos na área de teoria e história, problematizando historicamente e conceitualmente o Desenho Urbano, enquanto houve uma diminuição de trabalhos focados na prática de projetos urbanos, ainda que tenha se mantido uma seção específica sobre Brasília.

3 As quatro edições do SEDUR

3.1 O I SEDUR, 1984

O I SEDUR foi organizado pelo professor Benamy Turkienicz, da Universidade de Brasília, integrando sua equipe o professor Geraldo Sá Nogueira Batista (UnB), o arquiteto do Governo do Distrito Federal (GDF) Maurício Malta e as estudantes de graduação Maria Sílvia Barros Lorenzetti e Suely Mara Vaz Guimarães (UnB). Os trabalhos apresentados no evento foram publicados no periódico *Cadernos Brasileiros de Arquitetura* (números 12, 13 e 14). A publicação não descreve a estrutura do evento, nem registra se os publicados correspondem à totalidade dos trabalhos apresentados. Não houve um tema definido para a primeira edição do Seminário. Entretanto, o organizador publicou a “agenda para um debate” sobre a forma da cidade, na qual foram apresentadas áreas temáticas para a discussão proposta. São elas: conjuntos habitacionais; assentamentos espontâneos, favelas e invasões; preservação, renovação e transformações urbanas; expansões urbanas, loteamentos; e cidades novas.

Na visão do organizador do I SEDUR, o planejamento urbano, no papel tecnocrático que assumiu na segunda metade do século XX no Brasil e dissociado do traçado da cidade ou de partes dela, forçou o Desenho Urbano a tratar de retomar aspectos inerentes à disciplina (Turkienicz, 1984, p. 67). Embalado pela percepção do arquiteto e antropólogo Carlos Nelson dos Santos de que os arquitetos haviam “quebrado a lapiseira” e abandonado o projeto enquanto campo específico de problematização e atuação na

cidade, Turkienicz criticou os planos urbanos e habitacionais “carentes de desenho” (Turkienicz, 1984, p. 7). Nesse sentido, a insatisfação com o resultado das ações sobre a cidade oriundas de grandes planos centralizados (planejamento urbano) abriu espaço para um resgate do papel do projeto voltado à escala urbana e dos estudos morfológicos enquanto instrumentos de atuação na cidade existente em meio às transformações social, ambiental e econômica, e às demandas a partir da reorganização de movimentos sociais. O I SEDUR fez um chamamento para que se voltasse “a desenhar a cidade”³.

Apesar da preponderância dada à forma urbana e da diferença marcada entre Desenho Urbano e planejamento urbano, os trabalhos apresentados no I SEDUR revelam “certa imprecisão a respeito do que seria desenho urbano” (Turkienicz, 1984, p. 38), o que é esperado de um campo em formação. Conforme observa Del Rio, a formação profissionalizante no Brasil, então com pouca tradição de pesquisa, investigação e teorização, gerou uma ausência de reflexão na produção arquitetônica (Del Rio, 1990, p. 46). Havia pouca reflexão de natureza conceitual e epistemológica. Assim, o Desenho Urbano foi entendido como “objeto contido no campo de atuação do arquiteto” (Kohlsdorf; Kohlsdorf, 1984, p. 55). Nesse sentido, nota-se uma tentativa de recuperação de um campo de atuação perdido e a insistência no termo urbanista e não desenhista urbano ou desenhador urbano (cf. Silveira; Vasconcelos, 1984, p. 75). Sem contar com um conjunto próprio e sistematizado de procedimentos e postulados teóricos (cf. Holanda, 2022; Kohlsdorf; Kohlsdorf, 1984; Batista, 1984; Malta, 1984), o Desenho Urbano não parece constituir uma nova disciplina, e sim a renovação de uma disciplina existente. Mais tarde, Del Rio (1990, p. 52) chamaria o Desenho Urbano de uma “área específica do urbanismo”.

Del Rio (1990, p. 51) – aproximando-se de Sert – tratou do Desenho Urbano como uma disciplina que nasceu para preencher a lacuna entre a arquitetura e o planejamento urbano. Em “Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento”, fruto da sua tese para professor titular na UFRJ, propôs uma abordagem metodológica interdisciplinar e essencialmente físico-ambiental, apoiada na morfologia urbana, na análise visual, no comportamento ambiental e na percepção do meio ambiente, que veio a caracterizar a disciplina no país. Estudos da forma urbana tradicional – alguns deles, citados por Del Rio – eram parte do arsenal teórico do “urbanismo politécnico”, vigente no Brasil na primeira metade do século vinte. Considerando a data da publicação anterior (Del Rio; Cauli, 1982) e a primeira edição do livro, podemos entender que a definição de Desenho Urbano no Brasil deve muito a Del Rio. Com efeito, seu livro se tornou um clássico e uma referência nos cursos de Arquitetura e Urbanismo por todo o país.⁴

Entretanto, apesar da imprecisão disciplinar inicial, a justificativa e a promoção do Desenho Urbano no I SEDUR foram sustentadas pela constatação de que as análises e explicações da cidade então produzidas por arquitetos não levavam em conta os atributos morfológicos, e se afastaram da noção de que os assentamentos humanos são um artefato cultural (Turkienicz, 1984, p. 5).

Como em todo evento científico, os anais dos SEDURs revelam um mosaico de temas e abordagens apresentados por um conjunto de autores que concorrem para participar do

³ Se, por um lado, o termo desenho urbano reflete a intenção de “desenhar a cidade”, por outro, Turkienicz (2022) relatou em entrevista que a escolha pela transcrição do termo inglês, e não sua tradução para *projeto urbano* como nos demais países da América Latina, buscava aguçar o interesse na área por meio dessa “nova” expressão.

⁴ Vale notar que em 2004 o livro de Del Rio teve a oitava tiragem.

encontro. No caso do I SEDUR, os participantes foram convidados pela organização do evento. Segundo os organizadores entrevistados, a motivação para o convite foi alguma afinidade com o tema posto, com a abordagem então valorizada, com as posturas ali defendidas. Além disso, instituições importantes como o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), o então Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) e a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA) auxiliaram na divulgação e no contato com possíveis autores interessados (Holanda, 2022; Turkienicz, 2022). Desse modo, os trabalhos reunidos no primeiro volume dos anais do evento comungavam do posicionamento crítico aos “parâmetros funcionalistas da Carta de Atenas que tanto orientaram e todavia orientam a configuração planejada das cidades brasileiras” (Turkienicz, 1984, p. 5).

Dos vinte e um trabalhos publicados nos anais do primeiro encontro, sete são de autoria de pós-graduados em universidades britânicas (Oxford Brookes/ Oxford Polytechnic, University of London, University College London e University of Edinburgh). Muitos destes autores coincidiram no mesmo curso de pós-graduação no exterior, dada a oferta de bolsas do governo britânico.

A crítica brasileira ao pensamento modernista foi tardia em comparação à crítica internacional e, aparentemente, não percebeu uma transformação interna que já ocorria no próprio movimento moderno. Com efeito, os SEDURs não fazem qualquer menção a Sert e à revisão e autocrítica pela qual o movimento moderno passara. Assim, a Carta de Atenas era frequentemente citada e a unidade de vizinhança, “carro chefe do urbanismo funcionalista”, foi frontalmente criticada pelo aspecto determinista, autoritário, disciplinador e controlador (Turkienicz, 1984, p. 14). A forma urbana (tradicional), contígua e contínua, voltou então a ser valorizada diante da construção destas unidades geográficas autossuficientes e espacialmente descontínuas.

Com a postura da valorização da forma urbana tradicional, a ênfase dos trabalhos apresentados estava na escala da cidade e no espaço do pedestre. A tônica estava na crítica à cidade funcionalista e na busca de subsídios à prática projetual na cidade real e na vida cotidiana, atentando para as particularidades socioculturais. Insistia-se na cidade real e nos problemas do tempo presente, como contraposição latente à cidade abstrata e disruptiva idealizada pelo movimento moderno. Pode-se notar uma crítica generalizada ao urbanismo racionalista e ao modelo de Brasília. Nesse forte contexto de crítica ao modernismo, o projeto (re)aparece em uma perspectiva pós-moderna, mais humanista, com abertura à participação popular na elaboração do projeto e com outros aportes teórico-metodológicos.

Em geral os trabalhos apresentados envolvem estudos de caso e alguma reflexão de natureza conceitual e epistemológica. Os temas incluíam revitalização e requalificação urbana, conjuntos habitacionais, traçado de novas cidades, *campi* universitários, meio ambiente e intervenção em favelas. As instituições mais representadas no seminário de 1984 foram Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Foram apresentados estudos e projetos de intervenções em favelas: o caso da Vila Paranoá (DF) por técnicos do GEPAFI – Grupo Executivo para Assentamentos e Favelas Informais do Governo do Distrito Federal; o da Favela do Gato (SP), pela equipe da Universidade Federal Fluminense; e uma análise do Profavela – Programa de Regulamentação de Favelas de Belo Horizonte, dentro da autarquia Planejamento da

Região Metropolitana de Belo Horizonte (Plambel). Foram ainda apresentados dois trabalhos que problematizam a cidade nova de Nova Floresta (MT) e um trabalho sobre a política habitacional do Banco Nacional da Habitação (BNH), ambos fortalecendo a interpretação dos organizadores de que o projeto deveria ser resgatado enquanto espaço político e prático de transformação e melhoria das cidades. A tônica dos trabalhos relacionados a novas cidades é o rechaço à prevalência do pensamento moderno (cf. Oliveira, 1984; Ribeiro Filho, 1984).

A oposição a parâmetros racionalistas foi acompanhada pela recusa à imagem urbana padronizada, deficitária de identidade cultural. A arquitetura e o projeto de relocalização da cidade de Itá, em Santa Catarina, em decorrência do futuro alagamento do seu território pelo reservatório de uma usina hidroelétrica, tomaram como referência as relações de parentesco, as relações de vizinhança, o sentimento de localidade, a preservação dos costumes, da identidade e da memória da cidade a ser inundada. Materiais construtivos usuais, técnicas construtivas tradicionais e ornamento constaram do projeto da nova cidade, pois as “propostas habitacionais que buscam fundamentalmente a racionalidade construtiva e a sistematização dos componentes da construção, têm resultado em habitações onde não se manifestam: a identificação coletiva – cultura local – perdendo a tradição; a identificação individual – perdendo a personalidade” (Silva; Rego, 1986, p. 348).

Nos anais do primeiro SEDUR há três trabalhos sobre Brasília: uma apresentação de proposta de expansão; uma discussão sobre a preservação da capital como patrimônio urbanístico; e uma pesquisa de imagem do Plano Piloto. Outros dois trabalhos tratam de relato sobre a reurbanização de uma favela na capital federal. Nos anais da segunda edição do SEDUR, em 1986, há apenas um trabalho que se refere a Brasília, sobre a preservação da espacialidade do Plano Piloto. Com efeito, Brasília foi reconhecida pela UNESCO como patrimônio mundial em 1987 e o tombamento do conjunto urbanístico-arquitetônico de Brasília pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) se deu em 1990.

Autores “pós-modernistas” foram frequentemente citados, em especial: Kevin Lynch, Christopher Alexander, Amos Rapoport, Edward T. Hall, Ian McHarg, Jane Jacobs, Bill Hillier, Gordon Cullen, Aldo Rossi, Carlo Aymonino e Philippe Panerai. Um dos poucos trabalhos apresentados no seminário dedicado a analisar os estudos sobre Desenho Urbano no Brasil confirma a ressonância de certos autores internacionais, vinculados tanto à revisão do urbanismo racionalista quanto a abordagens entendidas como pós-modernistas (Malta, 1984). Dentre eles estão a “análise morfológica (Aymonino, Rossi, Panerai)” que “busca entender a formação e a modificação da estrutura física da cidade”; os “estudos de percepção ambiental do movimento *Townscape* (Cullen)”, que “têm suas origens nos trabalhos de Camillo Sitte e desenvolvem a análise do espaço da cidade enquanto cenário urbano em sua relação com o usuário” para “definir padrões de paisagem urbana capazes de causar ‘sensações de conforto’ nos indivíduos”; a “Gestalt urbana originada de estudos de psicologia alemães” que “tenta analisar os espaços urbanos como experiência psicológica dos usuários”; a “análise do espaço da cidade dos psicólogos americanos da linha ‘behaviorista’” que “objetiva entender de que forma o ambiente construído influencia o comportamento público coletivo, à semelhança dos trabalhos desenvolvidos por Jacobs e Rapoport”; “as investigações de Lynch, que busca detectar os elementos espaciais urbanos determinantes para orientação, legibilidade e identidade dos habitantes da cidade”; e “os trabalhos críticos de Alexander às propostas

das estruturas urbanas rígidas das escolas racionalista e culturalista, e suas proposições de espaços urbanos mais flexíveis e adaptáveis aos processos sociais” (Malta, 1984, p. 51).

3.2 O II SEDUR, 1986

A segunda edição do SEDUR também foi organizada por Turkienicz, com a participação dos colegas Geraldo Sá Nogueira Batista, Gunter Roland Kohlsdorf Spiller, Jaime Gonçalves de Almeida, Maria Elaine Kohlsdorf, Soraya Nór Güttler, Maria Silvia Lorenzetti, Maurício Freire Santiago Malta e Suely Mara Vaz Guimarães. Os anais foram publicados como volume independente pela editora PINI, com apoio do CNPq e da FINEP, confirmando os crescentes interesse e relevância do encontro. Os trabalhos foram sistematizados nos anais em seis “temas e dimensões de análise”, a saber: 1. Teoria e Metodologia do Desenho Urbano; 2. Desenho Urbano – Tecnologia e Infraestrutura; 3. Análise da Morfologia Urbana; 4. Preservação e Renovação Urbana; 5. Assentamentos Espontâneos; e 6. Projetos de Cidades Novas e Expansões Urbanas. Pode-se perceber que a “agenda para um debate” (Turkienicz, 1984, p. 10) decorrente do I Seminário embasou tal sistematização, aprofundando o debate e abrindo novas vertentes de estudos.

O número de participantes no evento cresceu: enquanto na primeira edição foram 39 autores e coautores, na segunda esse número passou para 62. Os autores dos trabalhos publicados são em sua maioria arquitetos, professores universitários e técnicos atuantes, sobretudo, nos órgãos públicos. Pode-se observar que as filiações dos autores dos trabalhos envolviam universidades, governos municipais e do Distrito Federal, companhia de desenvolvimento, órgãos de planejamento, de pesquisa e de financiamento da habitação provenientes de Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte. Essa configuração permitiu um trânsito entre o conhecimento teórico produzido e discutido na academia e as demandas e impasses da prática profissional ligados às instituições públicas. O intuito de inserir o Desenho Urbano na formação do arquiteto e repensar aspectos da prática profissional aplicada à administração pública é citado diretamente pelos organizadores do evento, fato que ganhou relevância nas discussões da Constituinte, em realização naquele ano e citado nos anais.

Curiosamente, o trabalho publicado nestes anais intitulado “As dimensões morfológicas do processo de urbanização: uma possível (e necessária) metodologia de pesquisa” (Turkienicz *et al.*, 1986) veio a configurar o escopo do laboratório da UnB chamado DIMPU, um acrônimo para o título do trabalho e, ainda hoje, um grupo integrante do diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Os pesquisadores ligados ao DIMPU incluem os professores Benamy Turkienicz, Gunter Roland Kohlsdorf Spiller, Maria Elaine Kohlsdorf e Frederico Rosa Borges de Holanda – ainda hoje líder do laboratório.

A primeira parte dos anais do II SEDUR foi reservada ao debate teórico e metodológico sobre o Desenho Urbano. Dela merecem destaque o trabalho de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, “A cidade como se fosse um jogo de cartas”, que veio a ser publicado como livro de mesmo título. A partir da analogia de um jogo de cartas em que há uma regra clara que ordena o jogo e a ação dos jogadores, o autor propunha a leitura sobre a produção da cidade e seus espaços em que a regra comum deveria ser clara a todos os cidadãos, assim como todos deveriam compreender os elementos que constituem o espaço urbano, possibilitando a ação dos agentes entre estratégias organizativas e táticas múltiplas de apropriação, segundo acepção de Michel de Certeau (Santos, 1986).

Destaca-se ainda o texto de Carlos Eduardo Comas, intitulado “O espaço da arbitrariedade: considerações sobre o conjunto habitacional BNH e o projeto de cidade brasileira” em que discorre sobre a produção dos conjuntos habitacionais do BNH e a forma urbana resultante (Comas, 1986). Questionando o padrão normativo de soluções de projeto para a habitação popular no Brasil, sobretudo aquelas que tem a superquadra modernista como referência, o autor propôs a revalorização da rua, praça, pátio e quintal – ou seja, dos elementos comuns na formação das cidades no Brasil – para integrar o bairro popular à cidade em que se assentaria o conjunto.

Observa-se que a bibliografia mobilizada no conjunto dos artigos, que discutem os métodos e teorias de Desenho Urbano, pauta-se nos estudos internacionais de modo bastante variado. Nota-se uma bibliografia norte-americana com autores como Kevin Lynch, Jane Jacobs e Christopher Alexander (austríaco radicado nos EUA); uma literatura anglo-saxã, particularmente Gordon Cullen e Bill Hillier; italiana, com os textos de Carlo Aymonino e Aldo Rossi; francesa, com Philippe Panerai, Jean Castex e Jean-Charles Depaule; e ainda a referência aos estudos urbanos de Henri Lefebvre e de Nuno Portas. Essa bibliografia é cotejada com as experiências projetuais e de planejamento das cidades brasileiras, algumas vezes, com o pensamento latino-americano de autores como Anibal Quijano, Jorge Hardoy, Eduardo Neira e outros que estão refletindo sobre o processo de urbanização das cidades latino-americanas.

A segunda parte dos anais apresenta artigos que tratam da relação entre Desenho Urbano, tecnologia e infraestrutura, abordando temas que relacionam o Desenho Urbano com os custos das infraestruturas, com os princípios bioclimáticos, com as análises de impacto ambiental e ainda com as técnicas cartográficas. Juan Luís Mascaró, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e autor de livros sobre loteamento e infraestrutura urbana que se tornariam referências para o ensino nas décadas seguintes, apresentou artigo analisando a relação entre custos de urbanização e os tipos distintos de organização espacial, defendendo que os custos poderiam ser um parâmetro adicional ao Desenho Urbano pois estes se alteram em função da densidade, das alturas das edificações e da forma de ocupação (Mascaró, J., 1986). Lucia Mascaró, também docente da UFRGS, apresentou sua pesquisa sobre a relação entre clima e Desenho Urbano para criar estratégias de eficiência no consumo de energia (Mascaró, L., 1986). Nota-se, como referências bibliográficas nesse conjunto de artigos, os trabalhos de Ian McHarg, Kevin Lynch e os próprios textos oriundos das pesquisas em andamento de Lucia e Juan Mascaró.

A terceira parte dos anais volta-se às análises da morfologia urbana. Nela encontram-se artigos que tratam da paisagem urbana através da relação dos espaços livres e edificados, dos parques urbanos, da percepção ambiental, dos estudos sobre o desenho da rua e sobre a continuidade e diferenciação da malha urbana. Nesta parte aparecem o trabalho de Silvío Soares Macedo, professor da Universidade de São Paulo (USP), sobre os espaços livres na configuração da paisagem urbana (Macedo, 1986); a pesquisa de Miranda Magnoli, também docente da USP, sobre a inserção dos parques na urbanização e suas implicações no Desenho Urbano (Magnoli, 1986). É apresentada também a pesquisa de Mário Kruger e Benamy Turkienicz, ambos professores da UnB, que se debruçava sobre os blocos das superquadras de Brasília para analisar as continuidades e descontinuidades do espaço urbano e a relação com a ocupação social do espaço (Kruger; Turkienicz, 1986). Voltando-se ao Rio de Janeiro, o artigo de Lilian Vaz e Maria Paula Albernaz, hoje professoras do Programa de Pós-graduação em Urbanismo (ProUrb)

da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apresentou uma genealogia da habitação multifamiliar no Rio de Janeiro, avaliando a formação do espaço construído através desse programa arquitetônico (Vaz; Albernaz, 1986). Observa-se que a bibliografia mobilizada nesta parte mesclou autores internacionais, como Cullen e Hillier, com referências nacionais como Milton Santos.

A quarta parte foi dedicada aos temas da renovação e preservação urbanas. Os artigos apresentaram discussões e projetos que estavam em curso naquele momento sobre a preservação dos centros históricos, com casos do Rio de Janeiro, São Luiz e Paracatu; sobre a preservação dos espaços de Brasília; e ainda artigos que abordam as questões de intervenção urbana seja de reintegração de áreas degradadas ou subutilizadas. A quinta parte apresentou o tema dos assentamentos espontâneos, que já havia recebido destaque na agenda sobre o Desenho Urbano apresentado no I Seminário. Os assentamentos espontâneos foram abordados por artigos que tratavam desde a análise da forma urbana, passando pelas experiências de urbanização e regularização de favelas, dando ênfase à novas abordagens a partir dos processos participativos. A sexta parte voltou-se à temática das cidades novas e das expansões urbanas. Os artigos apresentados discutiram algumas das cidades novas ligadas à instalação de usinas hidroelétricas; o Desenho Urbano ligado ao *campus* universitário da UnB; e, ainda, ao Desenho Urbano aplicado à expansão urbana ou à reconfiguração de bairros, como os casos de Águas Claras e de Fells Point, em Baltimore. Um trabalho apresentado por uma arquiteta recém-graduada pela UnB analisou o contexto das cidades de barragens construídas na Amazônia e apresentou uma proposta de intervenção em Tucuruí.

Nota-se como a agenda anunciada no I SEDUR é aprofundada e estrutura a segunda edição do evento. Esta edição é a maior em número de participantes e de trabalhos publicados. Neste encontro emergem os trabalhos de grupos de pesquisas que se apresentam e constituem um espaço de discussão sobre variados aspectos do Desenho Urbano. Vários destes grupos se consolidariam nas décadas seguintes como linhas de pesquisa de referência para o Desenho Urbano. Os organizadores do II SEDUR declaram a preocupação em produzir um corpo de conhecimento de estudos aplicados voltado à formação profissional e que servisse de apoio técnico para as administrações públicas através da discussão dos métodos de atuação profissional – específicos do campo da arquitetura e urbanismo – sobre a cidade. Os anais do I e II SEDUR ainda hoje configuram-se como material de referência para os estudos do Desenho Urbano e invariavelmente permeiam as bibliografias dos cursos de graduação do país.

3.3 O III SEDUR, 1988

O III SEDUR manteve o interstício de dois anos dos eventos anteriores e ocorreu em 1988. Os anais do evento não foram publicados devido à ausência de recursos (Holanda, 2022) o que dificultou a coleta de dados, exigindo outras fontes de informação como reportagens e entrevistas publicadas em revistas especializadas da época, informações incluídas nos currículos de participantes registrados na plataforma Lattes, entrevistas com professores que organizaram ou participaram do evento. Também foi realizada uma pesquisa na revista *Projeto*, que publicou notas sobre o evento, além de entrevistas com Paulo Mendes da Rocha e David Gosling, palestrantes dessa edição do Seminário.

Os organizadores do evento foram os professores Frederico de Holanda, Márcio Villas Boas, Marta Adriana Bustos Romero, Antonio Carpintero, Paulo Bicca, Gunter e Maria Elaine Kohlsdorf. Um marco importante do III SEDUR foi que Benamy deixou a organização

nesse momento, quando retornou a Porto Alegre para trabalhar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Assim, Holanda assumiu um papel central, sendo o organizador principal do III e do IV Seminários.

O tema central do evento foi “A forma da cidade: uma questão de desenho?”, tendo como subtemas: A cidade dos arquitetos; As gêneses das morfologias urbanas; As formas e os -ismos; Desenho urbano numa sociedade democrática; e Teoria, forma e desenho. De maneira mais consistente, fica evidente a centralidade da morfologia urbana em todos os subtemas. O evento incluiu palestras, sessões de apresentação de trabalhos e um curso de extensão intitulado “As gêneses das morfologias urbanas”.

Em sua palestra, Paulo Mendes da Rocha tratou da importância de conhecer o contexto histórico e político para o projeto urbano; da grande demanda por moradia como uma oportunidade “extraordinária” de construir cidades novas; do projeto como ação insuficiente para criar cidades melhores diante da especulação imobiliária (ao analisar a “degenerescência” do projeto de Goiânia pensado por Attílio Correa Lima); da articulação da economia territorial e da urbanização por novas cidades; da relevância do campo para compreender a urbanização contemporânea; da cidade e do projeto urbano como questões políticas.

Outra palestra foi ministrada pelo arquiteto inglês David Gosling, professor e diretor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Sheffield, na Inglaterra, com doutorado sobre a cidade de Brasília, onde havia vivido em 1976, período em que trabalhou como professor visitante na UnB. Na entrevista, Gosling (1989) fala sobre sua experiência com projetos de cidades novas na Inglaterra na década de 1960 e em Brasília, na década de 1970.

A respeito das *New Towns* inglesas, Gosling argumenta que mais do que projetos de novas cidades, a terceira fase do plano objetivava construir cidades em áreas em declínio econômico. Gosling fala mais especificamente de duas cidades das quais ele participou do projeto: Runcorn, na Inglaterra, e Irvine, na Escócia. Destaca a importância dos centros comerciais nas áreas centrais que articulavam, por meio de megaestruturas, as escalas urbanística e arquitetônica em ambas as cidades, onde o *shopping center* não é só comercial, mas também de serviços e apoios governamentais. Gosling desenvolve uma firme crítica ao urbanismo neoliberal da era Thatcher na Inglaterra, argumentando que o Desenho Urbano foi abandonado, enquanto os novos projetos se renderam ao rentismo e às demandas do mercado imobiliário para dinamização de áreas centrais.

Sobre Brasília, Gosling reforça parte da crítica vigente à época, confirmando que a cidade cumpriu seu papel de dinamizadora da economia no Brasil Central, mas que o urbanismo modernista do projeto de Lucio Costa tem o sistema muito rígido, onde o zoneamento muito restritivo da cidade reduziu a vitalidade das áreas centrais. No entanto, Gosling abre espaço para uma interpretação divergente da crítica corrente sobre Brasília, argumentando que “nos setores monumentais e nas superquadras o Desenho Urbano é muito bom devido ao trabalho paisagístico”.

3.4 IV SEDUR, 1991

Como na terceira edição, o IV SEDUR também foi organizado por uma equipe de professores da Universidade de Brasília, coordenada por Frederico de Holanda e composta pelos professores Maria Elaine Kohlsdorf, Frank Svensson, Jaime Gonçalves Almeida, Márcio Villas Boas e Nícia Boman. Com frequência bianual, como observam os

organizadores, os Seminários sobre Desenho Urbano no Brasil haviam consolidado um espaço de exposição e debate sobre a produção teórica e prática do campo do Desenho Urbano. Para estimular o debate, propuseram o tema “30 anos de Brasília”. Ao publicar os anais do IV SEDUR, quatro anos depois da realização do evento, os organizadores reconheceram a ampliação do campo em relação ao tema principal e à estrutura, inicialmente proposta na chamada de trabalhos, centrada na reflexão sobre as três décadas da existência de Brasília. Constataram que os trinta e um trabalhos apresentados no Seminário, por autores provenientes de diversas instituições, abordaram temáticas mais abrangentes do que as inicialmente propostas. Assim, na publicação dos anais pela UnB, os artigos foram agrupados em seções: Teoria e História; Métodos e Técnicas; A cidade Brasileira – Estudos e Projetos; e Brasília. Incluíram, também as conferências proferidas por Stanford Anderson (“A ficção da função”) e Vladimir Khait (“Experiências e problemas de construção de cidades novas e reconstrução de cidades históricas da URSS”) (Holanda; Kohlsdorf, 1995).

A conferência apresentada por Stanford Anderson, professor de história da arquitetura no Massachusetts Institute of Technology, entre 1963 e 1991, enfrentou a polêmica entre moderno e pós-moderno, enquanto continuidade e oposição (Anderson, 1995). O título da palestra (“A ficção da função”) poderia induzir a um erro de interpretação como avaliação simplista e negativa sobre o papel da função na criação arquitetônica. Anderson questionava o funcionalismo como conceito insuficiente para caracterizar a complexidade da arquitetura moderna e que obscurecia o conhecimento desse período da arquitetura como teoria e prática. A reflexão sobre o significado da modernidade e da pós-modernidade para o Desenho Urbano também foi tratada por Pasqualino Magnavita, professor na Universidade Federal da Bahia (UFBA), a partir da oposição entre totalidade e fragmentação, incluindo as dimensões histórica, cultural e antropológica (Magnavita, 1995). Na segunda conferência do Seminário, o arquiteto Vladimir Khait abordou a importância das cidades novas em países de urbanização tardia como a URSS e os países da América Latina (Khait, 1995). Desenvolveu o argumento sobre a URSS em três momentos: o programa de renovação de cidades a partir da Revolução, a formulação conceitual do alojamento socialista entre 1929 e 1930 e as tendências de cidades novas entre 1960-80.

Ao criticar Brasília e a hegemonia do bloco isolado, que produz a descontinuidade da trama e a perda do sentido da forma da cidade, Carlos Monteiro Andrade, professor na Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), analisou vertentes distintas, baseadas nas perspectivas da “*tabula rasa*” e do “*genius loci*,” que determinaram a formulação dos princípios do urbanismo moderno (Andrade, 1995). Contrapôs o projeto de cidade ideal de Claude-Nicolas Ledoux às propostas de Camillo Sitte sobre Desenho Urbano formuladas ao final do século XIX.

Tendo o Rio de Janeiro como exemplo, Vicente del Rio percorreu os paradigmas que nortearam as intervenções públicas na cidade desde o início do século XX, fazendo uma crítica à adoção de paradigmas formulados para outras realidades urbanas (Del Rio, 1995). Ao reconhecer a circulação de ideias e modelos de urbanismo concebidos para outros contextos políticos, econômicos e socioculturais, diferentes da realidade urbana no Brasil, o autor se alinha ao pensamento crítico formulado no período, quando se estabelece a historiografia da arquitetura e do urbanismo pelos pesquisadores brasileiros. Expondo o realinhamento ideológico de autores brasileiros e latino-americanos para o estudo da forma urbana brasileira, Glauco Bienenstein propôs analisar

as relações entre produção do espaço e sociedade, tendo como referência bibliográfica o geógrafo Milton Santos e o sociológico argentino José Luis Coraggio (Bienenstein, 1995).

Entre os trabalhos, a pesquisa de iniciação científica de Luciana Simões revela a expansão do campo de pesquisa acadêmica. Tendo como referência Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1988), expôs a nova realidade das condições de habitação para os 70% mais pobres da população no território brasileiro: primeiro em favelas, segundo nas periferias das cidades e, por fim, em cidades novas e frentes pioneiras de urbanização. A pesquisadora propôs estudar indicadores urbanísticos para o planejamento urbano em dez núcleos pioneiros na Amazônia Legal, lembrando que as frentes de urbanização constituíram a política agrária que o governo militar pôs em prática a partir de 1964 e da publicação do Estatuto da Terra (Simões, 1995).

O artigo apresentado pela administração do prefeito Celso Daniel, recém-eleito em Santo André, no estado de São Paulo, relatou a intervenção no sistema viário de um novo bairro, Jardim Itapoan (Daniel, 1995). Tendo como referência a recém-aprovada Constituição de 1988, interessava, de fato, descrever o processo de participação da população – propondo o Desenho Urbano alternativo para a cidade, revertendo o modelo de primazia do automóvel no espaço público.

Os estudos sobre o desenvolvimento turístico ganharam relevância, tendo em vista a crescente importância econômica da atividade. Flavio Nery Malta tratou do turismo no litoral de São Paulo e adotou Kevin Lynch e Amos Rapoport como referências para refletir sobre a qualidade da forma urbana. A pesquisa relacionou as características tipológicas e morfológicas de espaços para o turismo com valores e necessidades dos usuários (Malta, 1995).

O IV SEDUR atraiu a participação de pesquisas no campo da história da cidade e do urbanismo. Ana Fernandes e Marco Aurélio Gomes, professores da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) e organizadores do I Seminário de História Urbana, realizado em novembro de 1990, analisaram como se delineia, ao longo do século XIX, um novo desenho para a cidade de Salvador a partir da ação do poder público e de setores empresariais e mostraram como, nesse redesenho, despontaram os princípios que mais tarde foram codificados pelo urbanismo moderno (Fernandes; Gomes, 1995). Em claro diálogo com a história da cidade, alguns trabalhos abordaram as intervenções planejadas nas cidades brasileiras que logo se mostraram um campo fértil de pesquisa. Fernando Diniz Moreira, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), abordou o projeto de modernização do Recife no início do século XX a partir de três eventos: a reforma urbana do bairro do Recife, os projetos de saneamento e a modernização do porto (Moreira, 1995). Heliodório Sampaio, também professor da FAUFBA, relatou a experiência pioneira do EPUCS, o Escritório de Planejamento que atuou entre 1946 e 1952 em Salvador, como antecedente de Brasília, e abordou os modelos adotados na experiência (Sampaio, 1995).

Também no campo da história do urbanismo, Eneida Mendonça, professora no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), estudou o conteúdo de cinco planos para a grande Vitória, no Espírito Santo, elaborados entre 1970 e 1990 (Mendonça, 1995). Delia Peixoto e Vera Tângari apresentaram o projeto de urbanização (projeto de paisagismo e implantação) da orla do Canal de Camburi, em Vitória (Peixoto; Tancredo; Tângari, 1995).

Dois trabalhos sobre Porto Alegre se situaram no campo da morfologia urbana. Eber Marzulo e Leandro Andrade analisaram um conjunto habitacional e um bairro periférico localizados em municípios vizinhos (Marzulo; Andrade, 1995). O trabalho de Décio Rigatti tratou de sintaxe espacial e história na estruturação da área central de Porto Alegre, adotando como referência os estudos de Bill Hillier e de Frederico de Holanda (Rigatti, 1995).

Em diálogo com o tema do IV SEDUR, o projeto de cidades novas no norte do Paraná foi analisado segundo dois pontos de vista. Hugo Yamaki, arquiteto e urbanista, professora Universidade Estadual de Londrina (UEL), analisou o traçado urbano de cidades novas do norte paranaense apontando para a recorrência histórica do *patte d'oie* como elemento formal comum entre elas (Yamaki, 1995). Um segundo trabalho, de Marcos Fagundes Barnabé, também professor da UEL, discutiu a matriz do pensamento urbanístico das cidades projetadas no norte do Paraná reconhecendo os princípios da relação campo-cidade e os elementos estruturadores definidos por Ebenezer Howard e por Raymond Unwin (Barnabé, 1995). Por fim, os arquitetos e urbanistas responsáveis pelo projeto de Palmas apresentaram sua proposta para a nova capital do Estado do Tocantins, em fase de implantação.

A última parte dos anais retomou Brasília como tema central do evento, estudada sob diferentes enfoques. Frederico de Holanda, coordenador do evento, discutiu a possibilidade de uma avaliação estética da cidade (Holanda, 1995) e Elaine Kohlsdorf, também da equipe de coordenação, apresentou uma leitura morfológica do setor comercial de Brasília (Kohlsdorf, 1995). O Departamento de Patrimônio Histórico do Distrito Federal divulgou o anteprojeto de preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico de Brasília, apresentado em 1988, voltando às origens da etapa de construção da cidade, e o trabalho apresentado por equipe de técnicos da prefeitura do Distrito Federal propôs um projeto habitacional para a população desalojada pela construção do Lago Paranoá.

4 Conclusões

Os trabalhos apresentados nos SEDURs consolidaram uma abordagem do projeto da cidade menos centrada nos princípios estéticos modernistas e no planejamento urbano e mais no cidadão e no usuário. Isso ficou evidente na ênfase dada à consideração das preexistências e das práticas socioculturais estabelecidas, às condições do entorno físico, ao entendimento das apropriações, à identidade local. A forma física da cidade não poderia prescindir da história e da geografia locais. Essa nova abordagem está presente na alternativa proposta à intervenção em favelas. A urbanização de assentamentos informais e o projeto participativo – e o respeito pela história destes cidadãos compreendida no seu modo de habitar – tornaram-se práticas comuns.

Chama a atenção o fato de que as posturas projetuais e abordagens urbanísticas reveladas nos trabalhos apresentados nos Seminários remontam ao ideário e a autores pós-modernistas, embora isso tenha sido então pouco considerado. Nos trabalhos publicados, destaca-se a escassez de bibliografia nacional a respeito de Desenho Urbano no período compreendido pelos SEDURs, com ressalva para os isolados livros “A cidade como um jogo de cartas”, de Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1988) e “Introdução ao Desenho Urbano no processo de planejamento”, de Vicente Del Rio (1990). Certamente isso contribuiu para o papel proeminente destas duas publicações na construção do

arcabouço teórico e projetual do Desenho Urbano no Brasil, juntamente com os anais dos SEDURs, especialmente os do primeiro seminário, em 1984, publicado no mesmo ano pela editora Projeto em três volumes da coleção *Cadernos Brasileiros de Arquitetura*, que contou com ampla distribuição para as universidades brasileiras, colaborando para a disseminação de ideias e questões levantadas durante o evento.

Entretanto, um meio intelectual acadêmico ativo se organizou nesse período. Formam-se novos fóruns de reflexão e debate com a realização de seminários nacionais regulares a partir da mobilização de programas de pós-graduação, através de associações como a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), o International Committee for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement (DOCOMOMO) e, mais tarde, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (ANPARQ). Observa-se em um curto espaço de tempo a especialização dos temas abordados nos SEDURs. Os encontros da ANPUR consolidaram temáticas e abordagens no campo do planejamento urbano e regional, assim como os encontros e grupos de morfologia urbana. O Seminário de História Urbana, também a ser destacado, foi um evento que começou como iniciativa isolada. Realizado em Salvador, em 1990, foi pioneiro na introdução de pesquisas historiográficas sobre arquitetura e urbanismo. Reuniu no auditório da FAUFBA arquitetos, urbanistas, geógrafos, historiadores, sociólogos, economistas, apresentando pesquisas que evidenciavam a ampliação da pós-graduação no campo das Ciências Humanas. A partir do conjunto de trabalhos apresentados, o segundo seminário foi denominado Seminário de História da Cidade e do Urbanismo.

O termo Desenho Urbano apareceu nas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de arquitetura e urbanismo de 2006, quando se mencionou o domínio de técnicas e metodologias de pesquisa em planejamento urbano e regional, urbanismo e Desenho Urbano entre as habilidades e competências profissionais (MEC, 2006). Até então, constava nas diretrizes curriculares nacionais vigentes apenas o planejamento urbano e regional como a atividade de estudos, análises e intervenções no espaço urbano, metropolitano e regional (MEC, 1994). Antes ainda, o currículo mínimo vigente até 1969 mencionava apenas planejamento e composição arquitetônica, sem alusão ao termo projeto; já na resolução aprovada em 1969 pelo Conselho Federal de Educação, estes dois termos acabaram fundidos em planejamento arquitetônico (Monteiro *et al.*, 2013, p. 72; 76). Sinalizando um ponto de inflexão nesse processo, em 1978, a Carta de Ouro Preto, um documento firmado a partir das discussões ocorridas no ano anterior, em um evento organizado pela ABEA, recomendou “diminuir as fronteiras interpostas entre o projeto do edifício e o desenho urbano” (Monteiro *et al.*, 2013, p. 36).

A inclusão de disciplinas de Desenho Urbano no currículo dos cursos de arquitetura e urbanismo foi um processo longo e gradual, ocupando, em alguns casos, o lugar das disciplinas de planejamento urbano e regional.

Referências

- ANDERSON, S. A ficção da função. *In*: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 09-19.
- ANDRADE, C. R. M. A cidade dos blocos isolados. *In*: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 35-41.
- AVERMAETE, T.; GOSSEYE, J. **Urban design in the 20th century: a history**. Zurique: gta Verlag, 2021.
- BARNABÉ, M. F. A contribuição do pensamento urbanístico moderno para o projeto das cidades novas do norte do Paraná. *In*: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 245-260.
- BATISTA, G. S. N. Expansão de Brasília: uma experiência de macrodesenho. *In*: TURKIENICZ, B. (org.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, São Paulo, v. 12, Desenho Urbano I, p. 117-124, 1984.
- BIENESTEIN, G. Forma urbana brasileira: notas sobre a necessidade de contextualizar sua discussão. *In*: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 43-51.
- COMAS, C. E. O espaço da arbitrariedade: considerações sobre o conjunto habitacional BNH e o projeto da cidade brasileira. *In*: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 10-18.
- DANIEL, C. Jardim Itapoan: um novo bairro. *In*: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 85-95.
- DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.
- DEL RIO, V. Revitalização de centros urbanos: modelo de novo paradigma de desenvolvimento. *In*: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 53-60.
- DEL RIO, V.; CAULI, M. **Desenho Urbano**. Rio de Janeiro: NEPPA/ FAU/ UFRJ, 1982.
- FERNANDES, A.; GOMES, M. A. F. A construção do urbanismo como prática de longo tempo. Salvador 1850-1915. *In*: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 137-145.
- GOSLING, D. Entrevista cedida a Anita Regina Di Marco. **Projeto**, São Paulo, n. 126, out. 1989.

- HEBBERT, M. Town planning versus *urbanismo*. **Planning Perspectives**, v. 21, n. 3, p. 233-251, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/02665430600731153>. Acesso em: 25 maio 2025.
- HOLANDA, F. Entrevista sobre os Seminários de Desenho Urbano. [Entrevista concedida a] Maria Cristina Leme, Renato Leão Rego, Carolina Pescatori e Dinalva Roldan. 15 jun. 2022.
- HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995.
- KHAIT, V. Experiências e problemas de construção de cidades novas e reconstrução de cidades históricas da URSS. In: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 21-26.
- KOHLSDORF, G.; KOHLSDORF, M. E. Questões metodológicas no processo de desenho urbano. In: TURKIENICZ, B. (org.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, São Paulo, v. 12, Desenho Urbano I, p. 55-62, 1984.
- KRUGER, M.; TURKIENICZ, B. Medição da continuidade espacial urbana. In: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 141-142.
- MACEDO, S. S. Os espaços livres da edificação e o desenho da paisagem urbana. In: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 103-110.
- MAGNAVITA, P. R. A propósito da ideologia, pós-modernidade e desenho urbano. In: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 27-34.
- MAGNOLI, M. O parque no desenho urbano. In: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 111-120.
- MALTA, F. J. N. C. O desenvolvimento turístico litorâneo: diretrizes de desenho urbano. In: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 97-105.
- MALTA, M. Uma contribuição aos estudos sobre desenho urbano no Brasil. In: Turkienicz, B. (org.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, São Paulo, v. 12, Desenho Urbano I, p. 49-53, 1984.
- MARZULO, E. B.; ANDRADE, L. M. V. Notas provisórias sobre a estrutura intra-urbana da cidade brasileira. In: HOLANDA, F.; KOHLSDORF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 179-185.
- MASCARÓ, J. A forma urbana e seus curtos. In: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 61-68.

- MASCARÓ, L. O clima como parâmetro de desenho urbano. *In*: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 78-89.
- MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Portaria n. 1770-MEC, de 21 de dezembro de 1994.
- MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução n. 6, de 2 de fevereiro de 2006. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em arquitetura e urbanismo.
- MENDONÇA, E. M. S. Planos de desenvolvimento, diretor urbano e de transportes no processo de planejamento urbano da grande Vitória – ES. *In*: HOLANDA, F.; KOHLDOSRF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 159-172.
- MONTEIRO, A. M. R. G.; MARAGNO, G. V.; SANTOS JUNIOR, W. R. dos; GUTIERREZ, E. J. B. (org.). **A construção de um novo olhar sobre o ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil: os 40 anos da ABEA**. Brasília: ABEA, 2013.
- MOREIRA, F. D. Sanear, embelezar e ordenar: o projeto de modernização urbana no início do século. O caso do Recife. *In*: HOLANDA, F.; KOHLDOSRF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 195-203.
- MUMFORD, E. **Defining Urban Design: CIAM architects and the formation of a discipline, 1937-1969**. New Haven: Yale University Press, 2009.
- OLIVEIRA, I. C. E. Alta Floresta: uma história com muitas interpretações. *In*: TURKIENICZ, B.; BATISTA, G. S. N.; MALTA, M.; LORENZETTI, M. S. B.; GUIMARÃES, S. M. V. (org.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, São Paulo, v. 13, Desenho Urbano II, p. 87-94, 1984.
- ORILLARD, C. The transnational building of urban design: interplay between genres of discourse in the Anglophone world. **Planning Perspectives**, v. 29, n. 2, p. 209–229, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/02665433.2013.878879>. Acesso em: 23 maio 2025.
- PEIXOTO, D. M. M.; TANCREDO, M. G. M.; TÂNGARI, V. R. Projeto de urbanização da orla do canal de Camburi – Vitória/ES. *In*: HOLANDA, F.; KOHLDOSRF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 173-178.
- PORFYRIOU, H. A genealogy of Urban Design. [Apresentação por ocasião do lançamento da rede de pesquisa GUDesign Network]. **GUDesign Network**, 15 maio 2020. Disponível em: <https://gudesign.org/mission/>. Acesso em: 23 maio 2025.
- RIBEIRO Filho, C. A. S. Construção de cidades: distância entre espaços propostos feitos por urbanistas e ambientes feitos por gente. *In*: TURKIENICZ, B.; BATISTA, G. S. N.; MALTA, M.; LORENZETTI, M. S. B.; GUIMARÃES, S. M. V. (org.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, São Paulo, v. 13, Desenho Urbano II, p. 95-111, 1984.
- RIGATTI, D. Sobre sintaxe e história: a administração da área central de Porto Alegre. *In*: HOLANDA, F.; KOHLDOSRF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 187-193.

- SAMPAIO, H. O EPUCS, ou notícia de um antecedente de Brasília. *In*: HOLANDA, F.; KOHLDOSRF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 147-158.
- SANTOS, C. N. F. A cidade como se fosse um jogo de cartas. *In*: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 26-30.
- SANTOS, C. N. F. **A cidade como se fosse um jogo de cartas**. São Paulo: Projeto, 1988.
- SERT, J. L. Urban Design. *In*: MUMFORD, E. (ed.). **The writings of Josep Lluís Sert**. New Haven: Yale University Press, 2015. p. 33-40.
- SILVA, N. S.; REGO, M. E. Q. P. Usina Hidroelétrica Itá. Recolocação da sede municipal de Itá – Projeto urbano e arquitetônico. *In*: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 343-355.
- SILVEIRA, I. M.; VASCONCELOS, M. N. Repensando o urbanismo. *In*: TURKIENICZ, B. (org.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, v. 12, Desenho Urbano I, p. 63-76, 1984.
- SIMÕES, L. L. Índices urbanísticos e planejamento urbano: as novas experiências no Brasil. *In*: HOLANDA, F.; KOHLDOSRF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 61-70.
- SOLÀ-MORALES, M. de. Prefácio. *In*: PANERAI, P.; CASTEX, J.; DEPAULE, J.-C. **Formas urbanas**. Porto Alegre: Bookman, 2013. p. V-IX.
- TURKIENICZ, B. (org.). **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**, São Paulo, v. 12, Desenho Urbano I, 1984.
- TURKIENICZ, B. Entrevista sobre os Seminários de Desenho Urbano. [Entrevista concedida a] Maria Cristina Leme, Renato Leão Rego, Carolina Pescatori e Dinalva Roldan. 15 fev. 2022.
- TURKIENICZ, B.; KOHLDOSRF, G.; KOHLDOSRF, M. E.; KRUGER, M.; OLIVEIRA, P. M. P. As dimensões morfológicas do processo de urbanização: uma possível (e necessária) metodologia de pesquisa. *In*: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 43-50.
- TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986.
- VAZ, L. F.; ALBERNAZ, M. P. Notas históricas sobre a formação do espaço construído: os tipos de habitação multifamiliar do Rio de Janeiro. *In*: TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (org.). **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. São Paulo: PINI; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP, 1986. p. 153-161.
- YAMAKI, H. *Patte d'oie* norte-paranaense: um estudo morfo-genealógico. *In*: HOLANDA, F.; KOHLDOSRF, M. E. (ed.). **4 Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; UnB, 1995. p. 235-243.